



Title	O mágico das palavras : Chico Buarque e a ditadura
Author(s)	Magalhães, Torres Fernanda
Citation	ブラジル研究. 2006, 1, p. 63-86
Version Type	VoR
URL	https://hdl.handle.net/11094/98380
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

O mágico das palavras

Chico Buarque e a ditadura

Fernanda Torres Magalhães

Ano: 1970. O Brasil já estava há 6 anos sob uma ditadura militar¹ que ainda teria mais 15 anos de vida. No dia 21 de junho o Brasil estava eufórico. A conquista do tricampeonato na Copa do Mundo no México, numa final de 4x1 com a Itália, fez os brasileiros, juntamente com a *seleção canarinho*, vibrarem com a conquista. Os jogadores de futebol foram aclamados como heróis e o governo decretou feriado nacional, para que a população pudesse comemorar a conquista do campeonato mundial.

Enquanto muitos faziam um carnaval nas ruas das cidades, muita coisa acontecia nos porões, nos guetos. O grito de vitória no futebol abafava o grito de desespero dos presos e torturados nas prisões das polícias políticas.

Tempos de governo militar. Nas escolas era obrigatório cantar o hino nacional e hastear a bandeira brasileira, sob a vigilância severa dos professores que não permitiam nenhum olhar de soslaio ou sorriso maroto na fileira inquieta dos estudantes. Exigia-se comportamento, disciplina. Aulas de Educação Moral e Cívica e OSPB (Organização Social e Política Brasileira) faziam

parte do currículo escolar², já em vigor desde 1969, em substituição às disciplinas de Filosofia e Sociologia, por estas incitarem o pensamento crítico.

Peça fundamental para a manutenção da ordem política e social figuravam as DOPS – Delegacias de Ordem Política e Social³, que espalhadas por todo o território nacional, exerciam, através de sua polícia política, um patrulhamento constante na vida de brasileiros e estrangeiros que viviam no Brasil. Até sua extinção em 1983, esse órgão foi um dos principais aliados do governo autoritário no processo de “saneamento” político e ideológico. Essas delegacias tinham como principal tarefa estabelecer uma espécie de controle, vigilância constante para garantir a "ordem" da sociedade. Para tal fim, estabeleciam uma dinâmica de ações que incluía a vigilância, controle das atividades e detenção de suspeitos de crime político, considerados como uma grande ameaça à ordem e paz social, por praticarem atividades consideradas "subversivas".

As delegacias produziram durante todo o período de sua existência milhares de documentos, uma verdadeira rede de controle. Pessoas comuns até nomes ilustres, como o escritor Monteiro Lobato nos anos 40 e do ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, nos anos 70, tiveram registradas em prontuários suas passagens pelos portões das DOPS.

A entrada dos militares⁴ na cena política brasileira aconteceu no dia 31 de março de 1964, quando uma junta de militares, responsável pelo golpe, retirou do poder o presidente João Goulart, o *Jango*. O golpe foi uma guinada da extrema direita contra a política adotada por Goulart, considerada pela ala

conservadora da sociedade, de propensões socialistas, atitude não vista com bons olhos em época de Guerra Fria.

O *Comando Supremo da Revolução* que assumiu o poder depois do golpe, começou a governar num primeiro momento, por decretos - os AI –Atos Institucionais. O primeiro deles (AI-1) data do dia 9 de abril de 1964 e foi redigido por ninguém menos do que o advogado com vertente fascista, Francisco Campos, que elaborara a Constituição ditatorial de 1937. “*A Revolução vitoriosa, como o Poder Constituinte, se legitima por si mesma*”, era uma das máximas presentes no Ato, e que determinava, entre outras coisas, a concessão de poderes ilimitados ao Executivo, como cassar mandatos e suprimir direitos políticos por até dez anos, para decretar estado de sítio sem aprovação e para obrigar o Congresso a aprovar emendas constitucionais⁵. O mesmo também determinava que a eleição para presidente da República seria indireta. Assim, em 15 de abril de 1964 era anunciado o primeiro general-presidente, que iria governar o Brasil segundo interesses do grande capital estrangeiro nos próximos três anos: Humberto de Alencar Castello Branco. (1964-1967). Os subseqüentes Atos Institucionais reforçariam ainda mais a vertente política adotada pelos militares: o autoritarismo⁶.

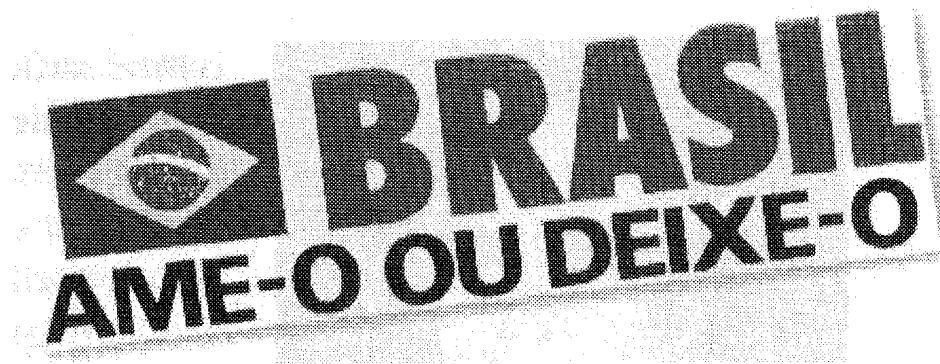
Em 1968, o Brasil passava por um momento de acirrada luta ideológica travada entre a esquerda (representada em sua grande maioria pelos estudantes universitários) e a extrema direita, que tinha como grandes aliados grupos paramilitares, como o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e o MAC (Movimento Anticomunista), onde estes não mediam esforços para "libertar" o Brasil da "ameaça comunista".

Em dezembro desse mesmo ano, quando já estava no comando da presidência do Brasil um outro general, Artur da Costa e Silva; um novo ato institucional fora lançado - o AI-5, que representou a ditadura sem nenhuma máscara, sem nenhum disfarce. Os 12 artigos do Ato decretavam - entre outras arbitrariedades - fechamento do Congresso Nacional, das assembléias estaduais e de câmaras municipais; o fim do direito do *habeas corpus* para aqueles que haviam infringido a *Lei de Segurança Nacional*, além da cassação de direitos políticos por tempo indeterminado de todo cidadão brasileiro. Era o endurecimento extremo do regime, o terrorismo oficializado, praticado pelo próprio Estado de forma “legitimada”.

Logo após a edição do AI-5, foi iniciada uma espécie de “caça” aos políticos e qualquer cidadão considerado ameaça ao regime. “Todos os setores da vida brasileira, sobretudo imprensa, criações artísticas e culturais, deveriam se submeter ao controle absoluto do governo, e as instituições civis não poderiam esboçar a menor crítica ao comportamento das autoridades. Restava, praticamente, uma única forma de oposição: a clandestinidade”⁷.

Nessa “empreitada” foram presos diversos jornalistas, políticos, profissionais liberais, além de estudantes, artistas, intelectuais e religiosos que haviam manifestado sua oposição ao governo, dentro do Congresso ou nas ruas. As palavras do presidente Costa e Silva, que no dia 31 de dezembro se dirigiu à população brasileira, ecoaram como uma bomba em qualquer visibilidade de liberdade de expressão no seu governo: o AI-5 não fora a melhor das soluções, mas sim a única para combater a ansiada restauração da aliança entre a corrupção e a subversão”.

Foi nesse período em que muitos intelectuais e militantes de esquerda tiveram como única alternativa (além da atividade clandestina) se exilar em outros países, tendo que pagar um alto preço pela conduta oposicionista – o preço da reclusão, do afastamento de sua Pátria, o preço do silêncio. Aqueles que não tinham condições de sair do país, praticavam um outro tipo de exílio, não real, mas interno.



Nomes ligados à cultura brasileira foram obrigados a buscar “abrigo” em países como Itália, Inglaterra ou França. Foi o caso de Caetano Veloso, que em 1969, depois de ser preso pela ditadura militar, parte (juntamente com Gilberto Gil) para o exílio político na Inglaterra, onde compõe “London, London”, revelando em sua letra a solidão numa terra estranha, mas que, apesar da solidão em terras londrinhas, podia caminhar pelas ruas sem medo. Caetano voltaria ao Brasil somente em 1972.

London, London

*I'm wandering round and round nowhere to go
I'm lonely in London London is lovely so
I cross the streets without fear*

*Everybody keeps the way clear
I know, I know no one here to say hello
I know they keep the way clear
I am lonely in London without fear
I'm wandering round and round here nowhere to go*

*While my eyes
Go looking for flying saucers in the sky*

*Oh Sunday, Monday, Autumn pass by me
And people hurry on so peacefully
A group approaches a policeman
He seems so pleased to please them
It's good at least to live and I agree
He seems so pleased at least
And it's so good to live in peace and
Sunday, Monday, years and I agree
While my eyes
Go looking for flying saucers in the sky
I choose no face to look at
Choose no way
I just happen to be here
And it's ok
Green grass, blue eyes, gray sky, God bless
Silent pain and happiness
I came around to say yes, and I say*

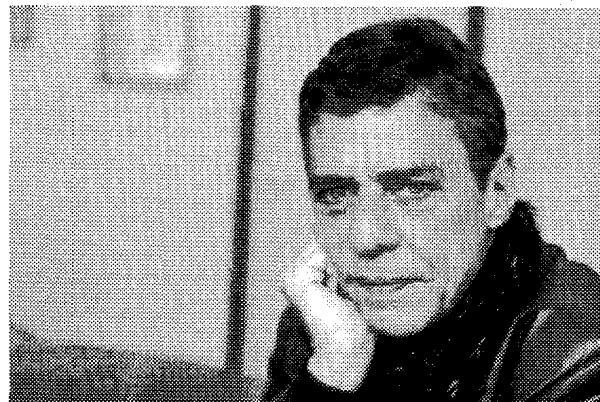
*But my eyes
Go looking for flying saucers in the sky*



Chico Buarque com Caetano Veloso, anos 80.

Outro caso de exílio *forçado* foi o do cantor e compositor carioca Francisco Buarque de Holanda (Chico Buarque, como é mais conhecido), temática central deste artigo. O cantor viveu em Roma por 15 meses, entre 1969 e 1970, quando partiu para a Europa auto-exilado, para evitar “problemas” com o governo militar brasileiro. Depois da estréia de sua peça-musical *Roda Viva*⁸, em 1967, que tinha como tema a fabricação e destruição de ídolos populares, o compositor passou a ser visto como “subversivo em potencial”. A situação se agravou com o decreto do AI-5, quando Chico Buarque chegou a ser preso no Rio de Janeiro, prestando “esclarecimentos” sobre suas canções. Menos de um mês depois, o compositor partiu para a França; oficialmente, viajaria apenas para participar do *Midem*, a feira internacional do disco realizada todos anos em Cannes. De lá, estabeleceu-se em Roma. O exílio durante um ano na Itália foi

uma saída que encontrou para escapar do constante controle e vigilância pelo governo militar.



Chico Buarque, em meados de 2004.

Na época em que esteve exilado em Roma, compôs a letra para um samba que seu amigo e compositor Toquinho – também exilado na Itália - fizera, antes deste retornar ao Brasil. Era o *Samba de Orly*, onde o clima de exílio é bem marcante em seus versos.

Samba de Orly

Vinícius de Moraes - Toquinho - Chico Buarque/1970

*Vai meu irmão
Pega esse avião
Você tem razão
De correr assim
Desse frio
Mas beija
O meu Rio de Janeiro
Antes que um aventureiro
Lance mão
Pede perdão
Pela duração (Pela omissão)*
Dessa temporada (Um tanto*

forçada)
Mas não diga nada
Que me viu chorando
E pros da pesada
Diz que eu vou levando
Vê como é que anda
Aquela vida à toa
E se puder me manda
Uma notícia boa*

* versos originais vetados pela censura

A trajetória política de Chico Buarque revela que ele, como compositor popular, não poderia estar alheio aos acontecimentos políticos ao seu redor. Suas músicas foram denominadas pelos especialistas como “canções de protesto”, título que ele mesmo recusa. “(...) *sou um cantor do cotidiano. Um cantor de resmungo. E uma pessoa de protesto.*”⁹ Sim, difícil era ficar imune à atmosfera política da época. E, como *pessoa de protesto*, Chico produziu inúmeras músicas com a temática da repressão, principalmente nos primeiros anos da década de 70.

Durante o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, que assumiu a presidência depois que seu antecessor Costa e Silva morreu vítima de um derrame em agosto de 1969, foi o período onde o cerco e a vigilância se acirraram ainda mais. A violência praticada pela polícia amendrontava a esquerda, pois muitas pessoas presas pela ditadura ou iriam para prisões políticas (como é o caso do presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro), ou “desapareciam”. Sem falar na censura que se instalou na televisão, no teatro, nas universidades, com professores tendo suas aulas supervisionadas por agentes da polícia, disfarçados de alunos. Esse clima de medo que se tinha do aparelho policial, podemos sentir na música *Acorda Amor*, composta por Chico em 1974, sob o pseudônimo de Julinho da Adelaide - artifício criado para driblar a censura durante um período.

Acorda Amor
Leonel Paiva - Julinho da
Adelaide/1974

Acorda amor
Eu tive um pesadelo agora
Sonhei que tinha gente lá fora
Batendo no portão, que aflição

Era a dura, numa muito escura
viatura
Minha nossa santa criatura
Chame, chame, chame lá
Chame, chame o ladrão, chame o
ladrão

Acorda amor
Não é mais pesadelo nada
Tem gente já no vão de escada
Fazendo confusão, que aflição

São os homens e eu aqui parado de
pijama

Eu não gosto de passar vexame

Chame, chame, chame
Chame o ladrão, chame o ladrão

Se eu demorar uns meses convém,
às vezes, você sofrer
Mas depois de um ano eu não
vindo
Ponha a roupa de domingo e pode
me esquecer

Acorda amor
Que o bicho é brabo e não sossega
Se você corre o bicho pega
Se fica não sei não

Atenção
Não demora
Dia desses chega a sua hora
Não discuta à toa não reclame
Clame, chame lá, clame, chame
Chame o ladrão, chame o ladrão,
chame o ladrão
Não esqueça a escova, o sabonete
e o violão

Na música, o cidadão comum revela o seu temor, preferindo o ladrão à polícia. A estrofe “*Se eu demorar uns meses convém, às vezes, você sofrer, Mas depois de um ano eu não vindo, Ponha a roupa de domingo e pode me esquecer...*” nos mostra um fato comum que acontecia àqueles uma vez presos: não voltavam, simplesmente *desapareciam...*

Outra música que remete ao desaparecimento de pessoas de forma “misteriosa” durante a ditadura, é *Angélica*. A composição é uma homenagem à Zuzu Angel, estilista carioca, que teve seu filho “desaparecido” em 1971. Zuzu Angel, durante anos se dedicou a tentar solucionar o desaparecimento de seu filho, Stuart

Angel Jones, denunciando e clamando pelo direito de saber onde estava o corpo de seu filho, que já pressentia que havia sido morto pela ditadura. Zuzu não temia o que poderia acontecer a ela, e segundo relatos, era vítima de constantes ameaças. Sua morte, em 1976, num inexplicado acidente de carro, foi considerado por muitos como obra da ditadura, disposta a calar a voz daquela mulher que era incansável em suas denúncias contra o aparelho repressivo instaurado.

Angélica

Miltinho - Chico Buarque/1977

*Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar*

*Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento
Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar*

Quem é essa mulher

*Que canta sempre o mesmo
arranjo
Só queria agasalhar meu anjo
E deixar seu corpo descansar*

Quem é essa mulher

*Que canta como dobra um sino
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar*

A censura era contumaz nas criações de Chico Buarque. Curiosamente, quando já havia retornado do exílio em 1970, entrega aos censores a música *Apesar de Você*, que acreditava que não seria autorizada a ser executada nas rádios. Inexplicavelmente a canção não foi vetada e o compacto vendeu mais de 100 mil cópias, até aparecer em um jornal que o “você” cantado na música, era uma referência ao general Médici. Resultado: a gravadora foi invadida, as cópias dos discos destruídas e Chico foi chamado a depor na polícia para explicar quem era o “você” da música. Como resposta, Chico fala que se tratava de *uma mulher muito autoritária*. Somente em 1978 a música foi regravada.

Apesar de você

Chico Buarque / 1970

*Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão*

Apesar de você

Amanhã há de ser

Outro dia

*Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar*

*Quando chegar o momento
Esse meu sofrimento
Vou cobrar com juros, juro
Todo esse amor reprimido
Esse grito contido
Este samba no escuro
Você que inventou a tristeza
Ora, tenha a fineza*

De desinventar

Você vai pagar e é dobrado

*Cada lágrima rolada
Nesse meu penar*

Apesar de você

Amanhã há de ser

Outro dia

*Inda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa*

Apesar de você

Amanhã há de ser

Outro dia

*Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar*

*Nosso coro a cantar
Na sua frente*

Apesar de você

Amanhã há de ser

Outro dia

*Você vai se dar mal
Etc. e tal*

Mesmo sem citar nomes, ficava muito claro o assunto retratado na música. Palavras como *escuridão, sofrimento, amor reprimido, grito contido, samba no escuro, tristeza*, revelam a atmosfera dos anos 70, de repressão e abafamento das idéias. Mas, de uma maneira, a música nos revela um otimismo pela crença num *amanhã* diferente, revelando a esperança no outro dia que prometia ser carregado de poesia.

Uma das mais belas composições do período é a música *Cálice*, feita em parceria com o cantor e compositor baiano Gilberto Gil. O próprio título da canção - *Cálice* (Cale-se) - é uma alusão aos silêncios impostos. A música toda é permeada de expressões que remetem ao ato de se calar diante dos acontecimentos: *tragar a dor, engolir a labuta, calada a boca, silêncio, mentira, força bruta, difícil acordar calado, lançar um grito desumano, maneira de ser escutado, silêncio que atordoa, palavra presa na garganta*. A música em si é um grito, em contraposição ao calar-se. A expressão "mesmo calada a boca, resta a *cuba*" (uma gíria do período que significa cabeça, o pensamento), mostra que apesar dos silêncios impostos, a cabeça continua a pensar, a questionar, apesar de não poder por em prática tais pensamentos.

Um episódio relacionado à música aconteceu em um show da gravadora Phonogram – a *Phono 73*, no Anhembi, em São Paulo. A gravadora, temerosa de represálias da ditadura, desliga os microfones, impedindo Gilberto Gil e Chico Buarque de executarem a música. Os dois tiveram o som dos seus microfones cortado, sendo impedidos de proferir a palavra “cálice”. Esse episódio marcou a transformação da palavra “cálice” (cale-se) em

uma imagem concreta. Os 3 mil presentes não conseguiram ouvir o “cale-se”, mas puderam vê-lo, simbolizado concretamente nos microfones sem voz.

Cálice

Gilberto Gil/Chico Buarque - 1973

*Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue*

*Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o
peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta
Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser
escutado*

*Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer
momento
Ver emergir o monstro da lagoa*

*De muito gorda a porca já não
anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a*

cuca

Dos bêbados do centro da cidade

*Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato
consumado
Quero inventar o meu próprio
pecado
Quero morrer do meu próprio
veneno*

*Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo
diesel
Me embriagar até que alguém me
esqueça*

Entre exílios, gritos calados e censura, a produção de Chico Buarque não se interrompia. Na continuidade de sua incessante criação, Chico compõe uma belíssima canção-missiva, em parceria com o amigo e compositor Francis Hime. *Meu caro amigo* pode ser vista como uma forma de *carta* dirigida ao dramaturgo Augusto Boal, que na época estava exilado em Portugal. O refrão “*Aqui na terra 'tão jogando futebol, tem muito samba, muito choro e rock'n' rol, uns dias chove, outros dias bate sol, mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta*”, remete aos acontecimentos do país, que ainda vivia sob o braço forte da ditadura. O futebol, o samba, o choro e o rock’n rol, aparecem como elementos inerentes ao dia-a-dia do país, mas que, apesar da aparente “normalidade” na rotina do brasileiro, a situação ainda continuava complicada, *preta*, principalmente em relação à censura, que não dava trégua.

Meu caro amigo
Francis Hime - Chico
Buarque/1976

Meu caro amigo me perdoe, por favor

*Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador*

Mando notícias nessa fita

*Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, outros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
Muita mureta pra levar a situação*

*Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando, que também, sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão*

*Meu caro amigo eu não pretendo provocar
Nem atiçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar*

*A lhe contar as novidades
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, outros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta*

*É pirueta pra cavar o ganha-pão
Que a gente vai cavando só de
birra, só de sarro*

*E a gente vai fumando que,
também, sem um cigarro
Ninguém segura esse rojão*

*Meu caro amigo eu quis até
telefonar*

*Mas a tarifa não tem graça
Eu ando afliito pra fazer você ficar*

A par de tudo que se passa

*Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e
rock'n' roll*

*Uns dias chove, outros dias bate
sol*

*Mas o que eu quero é lhe dizer que
a coisa aqui tá preta*

*Muita careta pra engolir a
transação*

*E a gente tá engolindo cada sapo
no caminho*

E a gente vai se amando que,

*também, sem um carinho
Ninguém segura esse rojão*

*Meu caro amigo eu bem queria lhe
escrever*

*Mas o correio andou arisco
Se permitem, vou tentar lhe
remeter*

Notícias frescas nesse disco

*Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e
rock'n' roll*

*Uns dias chove, outros dias bate
sol*

*Mas o que eu quero é lhe dizer que
a coisa aqui tá preta*

*A Marieta manda um beijo para os
seus*

*Um beijo na família, na Cecília e
nas crianças*

*O Francis aproveita pra também
mandar lembranças*

*A todo pessoal
Adeus*

Durante muito tempo Chico Buarque foi obrigado a lidar e driblar a censura, a ditadura. Sua música, impregnada de metáforas, de uma *linguagem da fresta* como bem colocou um crítico de sua obra, representou para muitos, uma saída para aqueles que não podiam se manifestar. O canto de Chico Buarque assume assim um outro papel, o da redenção, por ser capaz de libertar e lidar com os fantasmas de uma geração.

Já na fase final da ditadura, em meados de 1984, a música *Vai Passar* estoura, irradiando confiança. Já podia se sentir o clima de pré-abertura política, concretizada na participação ativa de

grande parte da população dos grandes centros na campanha de eleições diretas para presidência da República. Nomes da intelectualidade e da música brasileira engrossavam o cordão daqueles que agora se permitiam falar, mesmo ainda não sendo totalmente ouvidos. A Pátria que *dormira* durante a ditadura, agora se via disposta a acordar para o amanhã, para o raiar da liberdade.

<p><i>Vai passar</i> Francis Hime - Chico Buarque/1984</p> <p><i>Vai passar</i> <i>Nessa avenida um samba</i> popular <i>Cada paralelepípedo</i> <i>Da velha cidade</i> <i>Essa noite vai</i> <i>Se arrepiar</i> <i>Ao lembrar</i> <i>Que aqui passaram</i> <i>sambas imortais</i> <i>Que aqui sangraram pelos</i> <i>nossos pés</i> <i>Que aqui sambaram</i> <i>nossos ancestrais</i></p> <p><i>Num tempo</i> <i>Página infeliz da nossa</i> <i>história</i> <i>Passagem desbotada na</i> <i>memória</i> <i>Das nossas novas</i> <i>gerações</i> <i>Dormia</i> <i>A nossa pátria mãe tão</i> <i>distraída</i> <i>Sem perceber que era</i> <i>subtraída</i> <i>Em tenebrosas</i></p>	<p><i>transações</i></p> <p><i>Seus filhos</i> <i>Erravam cegos pelo</i> <i>continente</i> <i>Levavam pedras feito</i> <i>penitentes</i> <i>Erguendo estranhas</i> <i>catedrais</i> <i>E um dia, afinal</i> <i>Tinham direito a uma</i> <i>alegria fugaz</i> <i>Uma ofegante epidemia</i> <i>Que se chamava carnaval</i> <i>O carnaval, o carnaval</i> <i>(Vai passar)</i></p> <p><i>Palmas pra ala dos</i> <i>barões famintos</i> <i>O bloco dos napoleões</i> <i>retintos</i> <i>E os pigmeus do bulevar</i> <i>Meu Deus, vem olhar</i> <i>Vem ver de perto uma</i> <i>cidade a cantar</i> <i>A evolução da liberdade</i> <i>Até o dia clarear</i></p> <p><i>Ai, que vida boa, olerê</i> <i>Ai, que vida boa, olará</i> <i>O estandarte do sanatório</i> <i>geral vai passar</i></p>
--	--

*Ai, que vida boa, olerê
Ai, que vida boa, olará
O estandarte do sanatório*

*geral
Vai passar*

São inúmeras as manifestações artísticas de brasileiros que contribuiram para o registro, através de suas criações, desse momento crítico que o Brasil passou. O engajamento político dessas manifestações apareceram em seus mais diversos formatos, além da música: filmes, obras de arte, poemas. Graças a essas pessoas - que mesmo tendo seus gritos abafados não desistiram de manifestar suas opiniões, expondo-as em suas obras - a sociedade brasileira hoje pode ter a possibilidade de compreender o que se passou durante os 21 anos sob a sombra de um governo autoritário.

A ditadura militar ainda hoje é um assunto delicado na história brasileira. Muito se omitiu e ainda omite sobre os fatos e envolvidos no período em que o Brasil foi governado pelos militares. Ainda hoje, familiares de mortos e desaparecidos políticos lutam por justiça pelo direito de saberem o que aconteceu aos seus entes queridos. A ferida, ainda aberta, está longe de se cicatrizar.

Desde 1985, o Brasil deixou a égide da sombra e da escuridão, e devagar está tateando o caminho da democracia. Mas não podemos esquecer de que democracia está intimamente ligada à igualdade de direitos. Direito à educação, saúde, trabalho, moradia, terra. E uma questão se faz preemente: não apenas de direitos vive o homem. Precisam de instrumentos para ter acesso a esses direitos, tão básicos e tão distantes.

Bibliografia

ARQUIDIOCESE de São Paulo. *BRASIL: Nunca mais.* Rio de Janeiro, Vozes, 1985.

BARROS, Edgard Luiz de. *Os governos militares.* São Paulo, Ed. Contexto, 1991.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho Mágico. Poesia e Política em Chico Buarque.* São Paulo, Ateliê Editorial, 2000. 2^a edição.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil - de Castello a Tancredo.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. 4^a edição.

ZAPPA, Regina. *Chico Buarque.* Série *Perfis do Rio.* Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999.

DVD

Chico Buarque – Vai Passar – Direção: Roberto de Oliveira. Lançamento: 2005.

Chico Buarque ou o País da Delicadeza Perdida. Direção: Nelson Motta e Walter Salles. Lançamento: 2003.

Cronologia de Chico Buarque¹⁰

- 1944 – Nasce no dia 19 de junho, no Rio de Janeiro, filho do historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Hollanda e da pianista amadora Maria Amélia Cesário Alvim.
- 1946 – Vai morar em São Paulo com a família, em virtude da posse do seu pai na direção do Museu do Ipiranga.
- 1953 – Seu pai é convidado para dar aulas na Universidade de Roma, e parte para a Itália com a família.
- 1955 – Retorno ao Brasil.
- 1961 – Começa a publicar crônicas no jornal da escola onde estudava, o Colégio Santa Cruz.
- 1963 – Ingressa no curso de Arquitetura da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) da USP. Cursou até o 3º ano.
- 1965 – É lançado seu primeiro compacto, com as canções *Pedro Pedreiro e Sonho de um Carnaval*. É nesse ano também que faz as músicas para a peça *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.
- 1966 – Compõe a música *A Banda*, sucesso no II Festival de Música Popular Brasileira, promovido pela Record. A música chega a vender 100 mil cópias em uma semana. Neste ano também, Chico muda-se para o Rio de Janeiro. Lança o seu primeiro LP, *Chico Buarque de Hollanda*.
- 1967 – Começa a fazer inúmeros shows pelo Brasil; lança seu 2º LP, *Chico Buarque de Hollanda, volume 2*. Escreve a peça teatral *Roda Viva*.
- 1968 - Participa, no Rio de Janeiro, da "Passeata dos cem mil", que reuniu estudantes, artistas e intelectuais em um protesto contra a ditadura militar. Um comando do CCC - Comando de Caça aos Comunistas - invade o teatro Galpão, em São Paulo, depreda as instalações e espanca atores e técnicos da montagem de *Roda Viva*. Dias após a decretação do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro, é detido em sua própria casa e levado ao Ministério do Exército para prestar depoimento sobre a sua participação na passeata dos cem mil e sobre as cenas exibidas na peça *Roda viva*, consideradas subversivas.
- 1969 – Apresenta-se na Feira da Indústria Fonográfica, em Cannes, na França. Parte depois para um auto-exílio na Itália.
- 1970 - Chico retorna ao Brasil. É recepcionado com grande estardalhaço pela mídia, concedendo entrevistas e já tendo shows agendados. Lança seu 4º LP. Lançamento também da música *Apesar de Você*. Participa do Conselho do Cebrade - Centro Brasil Democrático - organização de intelectuais publicamente comprometidos com a luta contra a ditadura.
- 1973 - Escreve, com Ruy Guerra, a peça *Calabar*. Proibida pela censura, a peça somente seria liberada muito anos depois.
- 1974 – Ano de criação da personagem *Julinho da Adelaide*, heterônimo criado para driblar a censura. Escreve o livro *Fazenda Modelo*.
- 1975 - Escreve, em parceria com Paulo Pontes, a tragédia "greco-carioca" *Gota d'água*, uma releitura de *Medéia*, de Eurípedes. A peça se torna um dos maiores sucessos de crítica e público.

- 1977** - Escreve o texto e compõe as canções da peça *Ópera do malandro*, dirigida por Luis Antônio Martinez Corrêa.
- 1978** - Em fevereiro vai a Cuba pela primeira vez, como jurado do Prêmio Literário da Casa de las Américas. Faz uma versão para a música *Canción por la unidad latinoamericana*, de Pablo Milanés. Ao voltar ao Brasil, é detido, junto com sua esposa, pelo DOPS e são obrigados a prestar depoimentos sobre a viagem à ilha.
- 1980** - Participa da festa do *Avante*, órgão oficial do Partido Comunista Português, e do projeto Kalunga, em Angola, onde se apresenta, com mais 64 artistas brasileiros, por todo o país. A renda dos shows é destinada à construção de um hospital.
- 1982** - Morre seu pai, Sérgio Buarque de Hollanda, aos 79 anos de idade.
- 1986** - Comanda, ao lado de Caetano Veloso, o programa de televisão *Chico e Caetano*, que permaneceu por sete meses na programação da Rede Globo, reunindo nomes expressivos da Música Popular Brasileira, além de estrelas internacionais.
- 1989** - É publicado o songbook *Chico Buarque Letra e Música*, com prefácios de Tom Jobim e Eric Nepomuceno, e o texto *Gol de letras*, de Humberto Werneck.
- 1991/1992** - Lança seu primeiro romance, *Estorvo*, com o qual ganha o "Prêmio Jabuti de Literatura". Os direitos de publicação de *Estorvo* são rapidamente vendidos para sete países: França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Estados Unidos e Portugal. Neste último, a venda atingiu 7.500 exemplares em apenas três dias.
- 1994/1995** - Participa da "Campanha Nacional Contra a Fome e Pela Cidadania", do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Escreve o segundo romance, *Benjamim*.
- 1997** - Participa do disco *Chico Buarque de Mangueira*, com regravações de clássicos dos compositores da escola de samba. Grava um CD para o livro *Terra*, do fotógrafo Sebastião Salgado, publicado com texto do escritor português José Saramago. O trabalho foi lançado no dia 17 de abril, véspera do aniversário do massacre de trabalhadores sem-terra em Eldorado dos Carajás, região Norte do Brasil.
- 1998** - É o homenageado no desfile em que a Mangueira sagrou-se campeã do carnaval deste ano. De Paris, escreve artigos para os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* durante a Copa do Mundo.
- 2003** - Chega aos cinemas o Filme *Benjamim*, dirigido por Monique Gardenberg. É publicado o BUDAPESTE, seu terceiro romance. O livro fica na lista de mais vendidos por diversos meses e, na seqüência é traduzido para mais de 6 idiomas. O documentário *Chico ou O País da Delicadeza Perdida*, com direção de Walter Salles e Nelson Motta sai em DVD.

Discografia de Chico Buarque

- 1966 – *Chico Buarque de Hollanda Morte e Vida Severina*
1967 – *Chico Buarque de Hollanda vol.2*
1968 – *Chico Buarque de Hollanda vol.3*
 Chico Buarque de Hollanda – compacto
1969 – *Umas e outras – compacto*
 Chico Buarque de Hollanda – compacto
 Chico Buarque na Itália
1970 – *Apesar de você – compacto*
 Per um pugno di samba
 Chico Buarque de Hollanda vol.4
1971 – *Construção*
1972 – *Quando o carnaval chegar*
 Caetano e Chico juntos e ao vivo
1973 – *Chico canta*
1974 – *Sinal Fechado*
1975 – *Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo*
1976 – *Meus caros amigos*
1977 – *Cio da Terra – compacto*
 Os Saltimbancos
 Gota d'água
1978 – *Chico Buarque*
1979 – *Ópera do malandro*
1980 – *Vida*
 Show 1º de maio – compacto
1981 – *Almanaque*

Os Saltimbancos trapalhões

- 1982 – *Chico Buarque en español*
1983 – *Para viver um grande amor*
 O grande circo místico
1984 – *Chico Buarque*
1985 – *O Corsário do rei*
 Ópera do malandro
 Malandro
1986 – *Melhores momentos de Chico & Caetano*
1987 – *Francisco*
1988 – *Dança da meia-lua*
1989 – *Chico Buarque*
1990 – *Chico Buarque ao vivo Paris Le Zenith*
1993 – *Paratodos*
1995 – *Uma palavra*
1997 – *Terra*
 Edu Lobo e Chico Buarque – Álbum de Teatro
1998 – *As cidades*
1999 – *Chico ao vivo*
2001 – *Cambaió*
 Chico e as cidades (DVD)
2002 – *Duetos*
2003 – *Chico ou o país da delicadeza perdida (DVD)*
2005 – *Chico no cinema*

Notas

¹ Essa não era a primeira vez que o Brasil passaria por um governo autoritário. Ainda no século XX, nos anos 30, o Brasil conheceu uma ditadura na época da 2^a guerra mundial. Comandada pelo gaúcho Getúlio Vargas, a ditadura do Estado Novo, de 1937 a 1945, teve momentos de extrema repressão política e vigilância ideológica, patrulhamento incessante e recorrente no dia-a-dia do cidadão brasileiro.

² As duas disciplinas foram condenadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, por terem sido impregnadas de um “caráter negativo de doutrinação”.

³ Criada em 1924, a DOPS expressou uma concepção que, atrelada à necessidade de uma vigilância em torno de atividades consideradas desintegradoras dos princípios da Pátria e da Família, atuava na identificação dos “indesejáveis”.

⁴ O Brasil seria governado por militares de 1964 a 1985. Foram eles: general Humberto de Alencar Castelo Branco – de 15/04/1964 a 15/03/1966; general Artur da Costa e Silva – de 15/03/1967 a 31/08/1969; Junta Militar: brigadeiro Márcio de Souza e Mello, almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald, general Aurélio Lyra Tavares - de 31/08/1969 a 30/10/1969; general Emílio Garrastazu Médici – de 30/10/1969 a 15/03/1974; general Ernesto Geisel – de 15/03/1974 a 15/03/1979; general João Baptista de Oliveira Figueiredo – de 15/03/1979 a 15/03/1985.

⁵ BARROS, Edgard Luiz de. *Os governos militares*. São Paulo, Editora Contexto, 1991. pg. 19.

⁶ Os Atos Institucionais foram expedidos entre 1964 e 1969. Ao todo foram promulgados 17 atos institucionais, que, regulamentados por 104 atos complementares, conferiram um alto grau de centralização à administração e à política do país. O AI-2 deliberou que apenas poderiam existir dois partidos políticos: um governista (ARENA)e outro da oposição consentida (MDB). O AI – 3, tornava indireta também as eleições para governadores estaduais.

⁷ BARROS, Edgard Luiz de. Idem. pg. 42.

⁸ Em 1968, um grupo com cerca de 110 pessoas, integrantes do CCC (*Comando de Caça aos Comunistas*), invadiu o teatro Galpão em São Paulo, espancou os atores e técnicos da montagem e depredou o cenário.

⁹ Entrevista concedida à Revista 365, Editora ABZ, São Paulo, vol. 1, no.2.

¹⁰ Os dados referentes à cronologia e à discografia foram pesquisados no site: www.chicobuarque.com.br.